



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 15 DE ABRIL DE 1959

DISCURSO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
NA REUNIÃO DA COMISSÃO BRASILEIRA DA
OPERAÇÃO PAN-AMERICANA, PARA OUVIR OS
RESULTADOS DOS TRABALHOS DO COMITÉ
DOS 21.

Foi convocada esta reunião da Comissão Nacional 318
da Operação Pan-Americana para que possamos ouvir e comentar a exposição a ser-nos feita pelo embaixador João Carlos Muniz e seus colaboradores, recém-chegados de Washington, onde representaram o Brasil no grupo de trabalho de quinze países, criado pelo Comitê dos 21.

Antes de mais, tenho a grande satisfação de louvar 319
de público a atuação dos nossos delegados.

A missão era complexa e árdua. Tratava-se — 320
após a primeira etapa dos trabalhos em plenário da comissão especial encarregada de formular novas medidas de cooperação econômica — de realizar a tarefa técnica de transformar em projetos concretos e satisfatórios para os participantes a grande soma de opiniões, alvitres e resoluções constantes dos documentos do Comitê dos 21. Para o Brasil, tratava-se também de defender os nossos pontos de vista sobre a Operação Pan-Americana no seu todo, encarada globalmente, no plano econômico como a formulação de um conjunto de medidas suscetíveis de acelerar o desenvolvimento da América Latina, aproximando, quanto possível, o processo natural daquele ponto crítico que marca o início de um crescimento econômico razoavelmente autônomo.

O embaixador João Carlos Muniz, com a proficiência, vasta cultura e experiência que todos lhe conhecemos, presidiu com tato e habilidade às sessões do grupo de trabalho de Washington, exercendo sempre essas altas funções com espírito imparcial e concilia-

tório, e criando a atmosfera de colaboração franca e cordial indispensável ao bom funcionamento das comissões internacionais. No que diz respeito aos interesses brasileiros, foi brilhantemente secundado pelos componentes da delegação, todos dignos representantes dessa nova geração de servidores públicos que tem honrado a nossa atividade no campo da política exterior.

322 Graças a êsse labor fecundo e devotado, o Comitê dos 21 terá à sua disposição farto material para prosseguir em seus entendimentos, no encontro de Buenos Aires, em torno do qual se concentram agora as esperanças das Américas.

323 Vai sendo continuado com firmeza o roteiro da Operação Pan-Americana. Em Washington, na reunião informal dos chanceleres, foram expostas as idéias gerais dos diversos países, consagraram-se os princípios fundamentais da Operação e criou-se o instrumento adequado — o Comitê dos 21 — para o tratamento prioritário do problema do desenvolvimento. O Comitê entrou no âmago da questão, discutiu métodos, comparou sugestões, adotou diretrizes. Durante o seu recesso, o grupo de trabalho levou a cabo com felicidade a sua obra de sistematização, coordenação e ajustamento técnico.

324 Em atenção ao amável convite do presidente Frondizi, vai agora o Comitê reunir-se na capital platina e a Operação Pan-Americana muito terá a ganhar com a sua primeira sessão em terras latinas. Conheceis todos a importância da contribuição argentina ao nosso esforço comum e podemos ter a certeza de que o Governo e o povo da república irmã tudo farão para que a reunião de Buenos Aires seja um marco decisivo na caminhada que encetamos há dez meses. A êsse propósito, lembro-vos que a nobre Nação vizinha se prepara para comemorar condignamente o centenário do nascimento de um seu ilustre filho, o doutor Luis María Drago, homem de letras, magistrado e jurisconsulto

insigne, ministro do Exterior em 1902, por todos os títulos grande figura do pan-americanismo. A ele se devem duas doutrinas internacionais americanas que fizeram época, sobre a cobrança coercitiva de dívidas públicas e sobre as chamadas baías históricas.

Não será descabido assinalar que se pode fazer interessante paralelo entre a doutrina Drago em matéria de intervenção financeira e a idéia central da Operação Pan-Americana, tal como foi lançada pelo Brasil. Com efeito, nos dois casos e com meio século de intervalo, temos iniciativas eminentemente políticas e essencialmente americanistas, surgidas de necessidades determinadas da conjuntura continental nos respectivos momentos históricos. Os pronunciamentos argentino e brasileiro foram ambos provocados por acontecimentos penosos, que emocionaram a opinião pública do continente: a intervenção armada ítalo-germano-britânica contra a Venezuela, em 1902; as manifestações hostis a um estadista norte-americano, em 1958.

Em ambos os casos, o país que tomou a iniciativa não tinha interesse direto: não estava envolvido nos acontecimentos e agiu num impulso de solidariedade continental. Em ambos os casos, a repercussão de incidentes isolados serviu de catalisador para que germinasse uma idéia e um princípio de ação política de larga envergadura e de interesse vital para a causa pan-americana. A Argentina viu, na operação conjunta naval das três Potências, uma ameaça geral à segurança dos Estados americanos representada pela tendência ao emprêgo de força armada de poderosos Estados extra-continental, a pretexto de defesa de interesses econômicos. O Brasil deduziu, dos incidentes de 1958, outro tipo de ameaça à solidariedade continental e, portanto, à segurança do hemisfério, representada pela perspectiva de manter-se indefinidamente, e mesmo de

325

326

agravar-se, uma estagnação econômica que nos distancia cada vez mais dos países altamente industrializados e nos põe à mercê de fermentações sociais perigosas para a estabilidade do regime democrático e para a defesa da causa ocidental.

327 Em ambos os casos, o grito de alerta foi dirigido inicialmente ao país americano sobre o qual recaíam os maiores encargos no quadro geral da manutenção da paz e das boas relações entre o continente e o resto do mundo. Em ambos os casos também, a enunciação do princípio central foi feita em termos regionais, embora fosse ele suscetível de erigir-se em norma de aplicação universal. Finalmente, nos dois casos encontrou forma expressa uma legitima aspiração dos povos americanos à libertação: no primeiro, libertação do medo ao emprêgo abusivo da força por Estados mais poderosos; no segundo, libertação do duro jugo do subdesenvolvimento econômico, paralisador e debilitador das forças vivas da América.

328 Não me parece ocioso, meus Senhores, esse paralelo. Dêle podemos tirar uma lição. A Operação Pan-Americana, como a doutrina Drago, não são lucubrações fantasiosas e gratuitas, nem arroubos sem significação profunda. São atos de sadio realismo político, ao mesmo tempo que manifestações bem assentadas no sentimento informulado dos povos americanos, na sua ânsia comum de liberdade, de segurança e de progresso. São remates ao edifício do pan-americanismo, que se vem levantando como recife de coral, graças ao acúmulo incessante das contribuições de cada uma das Nações americanas.

329 Antes de concluir, quero fazer especial referência a uma outra realização ligada à Operação Pan-Americana: a próxima constituição da instituição financeira regional, ou banco interamericano, cujo projeto de

estatutos acaba de ser firmado em Washington, pela comissão especial em que o Brasil estêve representado por uma delegação chefiada pelo senhor Cleantho de Paiva Leite. Esse nosso delegado e seus companheiros de missão merecem igualmente os maiores encômios, pela sua atuação desvelada, dinâmica e inteligente. Dentro em breve, teremos na nova entidade mais uma fonte de financiamento de projetos vitais para o desenvolvimento econômico dos nossos países.

Para os trabalhos que se realizarão em Buenos Aires, 330
acaba de constituir-se a delegação brasileira cuja chefia
continuará confiada ao senhor Augusto Frederico
Schmidt, cuja atuação em Washington se revestiu da
firmeza e da prudência aconselháveis.

A Comissão Nacional da Operação Pan-Americana 331
saberá proporcionar-lhe, como já o fêz anteriormente,
o concurso prestigioso das eminentes personalidades que
a compõem.

Estou convencido de que, ainda desta vez em Buenos 332
Aires, se verificará mais um avanço em favor da causa
do novo pan-americanismo, que é a aspiração de erradicarmos a chaga da miséria de nosso continente. Ainda
há poucos dias, num pronunciamento da maior impor-
tância, o presidente da França, general De Gaulle, se
propunha, no caso de verificar-se uma conferência de
cúpula entre os chamados quatro grandes, a levar aos
seus pares a tese de que nenhum problema é mais crítico,
é mais atual, é mais importante do que a defesa do
homem contra o subdesenvolvimento e a miséria.

No tocante à Operação Pan-Americana, quero dizer, 333
ao terminar estas palavras, que julgo que esse movimento
deverá ter a duração que tiver a grave desigualdade da coexistência da miséria e da riqueza nesta parte
do mundo livre.